

Mãos que Tecem: Históri (as) das Mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA

Hands that Weave: Stories of the Women Embroiderers of São João dos Patos – MA

Tainah Myrene de Lima Oliveira¹
Vera Lúcia Caixeta²

62

Resumo: Este artigo visa contribuir para o ensino da história local por meio das narrativas de vida das mulheres bordadeiras da Casa dos Bordados Fios & Formas de São João dos Patos – MA. Suas cinco narrativas contestam a visão das mulheres como vítimas e sem capacidade de agência. Ser mulher em situação colonial, em territórios colonizados, tem impacto sobre as subjetividades femininas, assim, entre os desafios enfrentados pelos (as) pesquisadores (as) decolônias está na reconstrução da historiografia a partir da narrativa das mulheres subalternizadas, favorecendo a emergência do protagonismo daquelas que foram apagadas e invisibilizadas pelos relatos dos “vencedores” e pela perspectiva eurocêntrica da história. Tratou-se de colocar em questionamento os paradigmas hegemônicos presentes na pesquisa e no Ensino de História que invisibilizam as mulheres bordadeiras da história da cidade.

Palavras-Chave: Ensino de História; Mulher Bordadeira de São João dos Patos;

Abstract: This articles linguae contribute to the teaching of local history through the life narratives of the women embroiderers of the Casa dos Bordados Fios & Formas in São João dos Patos – MA. Their five narratives challenge the view of women as victims and without agency. Being a woman in a colonial situation, in colonized territories, impacts feminine subjectivities. Thus, among the challenges faced by decolonial researchers is the reconstruction of historiography from the narratives of subalternized women, favoring the emergence of protagonism for those who were erased and made invisible by the accounts of the "winners" and by the Eurocentric perspective of history. It was a matter of questioning the hegemonic

¹ Mestre em Ensino de História- ProfHistória, no núcleo da UFNT- Universidade Federal do Tocantins. Professora concursada da Rede Estadual do Maranhão. Agradecimento a CAPES, pela bolsa de pesquisa. E-mail: professoratainah@gmail.com

²Doutora em História. Professora do Colegiado de História e do PROFHISTÓRIA, da UFNT. E-mail vera.caixeta@ufnt.edu.br

Recebido em 20/09/2024

Aprovado em: 10/10/2024

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



paradigms present in research and in the teaching of history that render the women embroiderers of the city's history invisible.

Keywords: History Teaching; Woman Embroiderer of São João dos Patos;

Introdução

Este artigo trata das memórias das mulheres bordadeiras do Maranhão, mas ele é apenas uma parte da dissertação “O Ensino de História entre Agulhas & Linhas: As Narrativas das Mulheres Bordadeiras de São João dos Patos-MA (2022-2024)”³. Defendemos, nesta pesquisa, a necessidade de inserir as mulheres bordadeiras como importantes sujeitos da história local, a partir de uma perspectiva teórica que valoriza seus saberes, cosmovisões, interesses e perspectivas.⁴ Esta epistemologia (decolonial e feminista) exige uma crítica a concepção de história eurocêntrica, masculina e distante da realidade dos discentes da educação básica e propõe a inserção desse universo sociocultural e feminino da cidade, nos livros de história e na sala de aula⁵.

Por mais que o século XX seja chamado de “o século das mulheres” em razão das inúmeras conquistas que propiciou a ampliação dos direitos e oportunidades das mulheres exercerem o protagonismo em diversas áreas, ainda assim permanece uma invisibilidade histórica sobre as mulheres. Como se sabe, esse silenciamento é ocasionado pela construção de uma ciência histórica construída na e pela perspectiva masculina e eurocêntrica e, por mais que a história das mulheres já tenha quase meio século, o protagonismo feminino ainda está distante dos livros didáticos e das aulas de história.

A justificativa para a escolha dessa temática também passa pela crítica a perspectiva hegemônica e eurocêntrica da história ensinada. Como ressalta Sigmann-Silva, no seu livro “A virada testemunhal e decolonial do saber histórico” (2022, p.21), a violência colonial precisa ser enfrentada para impedir o apagamento legitimado pelas: “poderosas políticas de

³ Sou professora da Rede Estadual do Maranhão desde 2013, e durante o ano de 2021 tive a oportunidade de trabalhar no Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos, na cidade de São João dos Patos - MA, escola de tempo integral que preza pelo protagonismo juvenil. Foi nesse contexto educacional que surgiu o interesse em estudar a história das mulheres bordadeiras desta cidade, sujeitos históricos invisibilizados, por meio das suas relações com História local.

⁴ Cresci envolta dos bordados vendo minha mãe, vizinhas e familiares produzindo artesanato para ajudar no sustento da família. O bordado fez com que a cidade se tornasse reconhecida como capital do médio sertão maranhense nesse segmento.

⁵ Muitos assuntos estudados em sala de aula estão distantes da realidade social dos discentes, ao contrário da temática associada às mulheres bordadeiras e seus bordados, que é algo que está ligado diretamente a vida de muitos discentes, que são filhos, sobrinhos e netos de bordadeiras da cidade.

esquecimento que, no Brasil, procuram, de modo ambíguo, glamourizar” a história dos vencedores e apagar as outras histórias. Dialeticamente, porém, cabe a nós professoras-pesquisadoras, garantir que as mulheres bordadeiras tenha suas memórias, seus saberes e histórias registrados nos livros de história e propagadas no ambiente escolar.

Para Lugones (2014, p.940) o entrelaçamento do gênero com a raça, a classe e a sexualidade, abre um caminho para o projeto feminista e decolonial do poder, do saber e do ser. Trata-se de pensar que a ‘colonialidade do gênero’ deixa marcas profundas na dominação/subordinação das mulheres dos países periféricos do capitalismo global. No caso das mulheres bordadeiras, elas narram situações vivenciadas marcadas pela cruzamento de opressões, mas não podemos vê-las como vítimas e/ou sem capacidade de resistência e agenciamento. De qualquer forma, como ressalta Mignolo (2008) a dominação causa a “ferida colonial” que atua sobre todos os âmbitos da vida dos povos colonizados, inclusive sobre seus corpos e suas subjetividades.⁶ Para Mignolo (2017, p.6), é necessário engajar-se na ‘desobediência epistêmica’, ou seja, desvincular-se “da matriz colonial para possibilitar opções descoloniais – uma visão de vida e sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais”.

Utilizamos, para as entrevistas com as mulheres bordadeiras que fazem parte da associação Fios & Formas de São João dos Patos-Ma, o roteiro de entrevista temática.⁷ Segundo Verena Alberti (2005), a história oral é uma metodologia para a obtenção de informações a partir de um roteiro previamente elaborado e que deve ser respondido através do diálogo estabelecido entre dois sujeitos. Essa metodologia, geralmente, é empregada em investigações sobre temas contemporâneos, a respeito de eventos ocorridos em um passado não muito remoto, no qual as memórias dos sujeitos entrevistados possam ser alcançadas, assim estes acabam se tornando, narradores de acontecimentos e fatos históricos vivenciados por elas (Alberti, 1990).

⁶ A tese básica da ‘colonialidade do poder’ compreende que: ‘a modernidade’ é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa - ibérica e católica – “uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado escuro, a ‘colonialidade’”. Por sua vez, “é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade [...] se não pode haver modernidade sem colonialidade, não pode também haver modernidades globais sem colonialidades globais” (MIGNOLO, 2017, p.2,3).

⁷ “Entrevista temática: Assim como acontece nas entrevistas de história de vida, as entrevistas temáticas também têm o indivíduo como preocupação principal. Porém, em vez de imergir no universo de seu narrador, o pesquisador visa explorar, junto com ele, questões orientadas por um tema. As entrevistas temáticas buscam informações mais precisas, mais localizadas e mais pontuais”. (SANTHIAGO e MAGALHÃES, 2015, S/P).

Depois das entrevistas transcritas, pela pesquisadora, elas foram transformadas em minibiografias pelos estudantes do 2º Ano do Ensino Médio do “Centro Educa Mais Josélia Almeida Ramos” (as minibiografias serão publicadas em outro artigo). Mas, como as mulheres significam o “ser bordadeira”? Como essa identidade é construída e ressignificada por elas? O bordado pode ser associado a autonomia feminina ou apenas a luta pela sobrevivência? Como elas se sentem ao realizarem e venderem os bordados?

Quadro 1 - Mulheres Bordadeiras

Mulheres Bordadeiras Participantes da Pesquisa		
Nome	Idade	Tempo de associação
Maria Amélia Evangelista de Sousa	70 anos	19 anos
Rita Carvalho Pereira	69 anos	19 anos
Antônia de Sá Correia	66 anos	19 anos
Ceres Maria Galvão Brito	65 anos	19 anos
Maria Cristina Silva de Araújo	63 anos	8 anos

Fonte: Autora. **Todas as entrevistas foram realizadas por** Tainah Myrene de Lima Oliveira, na cidade de São José dos Patos-MA, entre agosto e outubro de 2022.

A prática do bordado, é uma atividade que historicamente foi atribuída às mulheres na cidade de São João dos Patos, localizada no interior do sertão nordestino. Mulheres de famílias pobres que encontraram no bordado uma fonte de renda para sustentar suas famílias. Daniela Segadilha (2014) destaca que tal atividade é desenvolvida como alternativa econômica para a subsistência das mulheres que enfrentam dificuldades financeira. De acordo com Segadilha:

Historicamente, ‘costurar’ e ‘bordar’ foram tarefas atribuídas às mulheres, devido à ‘natureza feminina’ que possuem. Aos homens foram negadas essas funções porque eram voltadas a gestos de delicadeza, aos cuidados do lar, das vestimentas. (SEGADILHA, 2014, p.38)

O bordado se tornou uma das principais atividades desenvolvidas no sertão nordestino, com significados diferentes para as mulheres da elite e para as mulheres pobres. As primeiras representavam prendas valorizadas no mercado matrimonial, as segundas era uma atividade para a manutenção das necessidades básicas das famílias.

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas ‘prendas domésticas’ – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjo de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole (PRIORI, 2005, p.249).

Significativamente, ao analisarmos as entrevistadas são mulheres radicadas no sertão leste maranhense e suas histórias estão interligadas com a atividade do bordado, além disso, elas são marcadas pelo processo de migração do campo para a cidade. Suas lembranças sobre os bordados estão relacionadas com a infância e na casa de suas mães. O cotidiano doméstico e uma vida simples no campo são marcados pela rígida demarcação de funções determinadas pelo sexo/gênero. Sobre os espaços de memórias, Ecléa Bosi (1994, p. 435) destaca: "A casa materna é uma presença constante nas autobiografias. Nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vive os momentos mais importantes da infância".

Antônia de Sá, ao recordar sua infância no povoado Malhada D'Areia, destaca a autoridade paterna que garantia a ordem familiar: "Graças a Deus, éramos pobres, mas a gente vivia bem. Sobre a convivência, a gente não vivia brigando, como a vida de hoje. Se o pai dizia: 'Faz isso!', você ia fazer. E hoje não é assim." Ser pobre e viver bem significa ter o suficiente para sobreviver. Um viver marcado pelo intenso trabalho no campo, espaço responsável pela sobrevivência da família. Quanto à relação entre pais e filhos, ela era pautada por uma dinâmica de autoridade e obediência à figura masculina paterna. Ao lembrar de sua infância, ela descreve os momentos em que esteve ao lado de seu pai nas plantações.

Quando eu ia para a roça, ele cavava e tinha um uma ‘lumbrigonas’ deste tamanho (faz gesto com os dedos para explicar o tamanho da minhoca) e eu gritava (ela sorrir lembrando com muita graça dessa fase da sua vida), mas eu gritava. Ele cavava para a gente plantar o milho, o feijão, o algodão, e aí tinha aquelas minhocas né?! Aí eu saía correndo gritando. Aí a minha irmã, eu jogava o milho, e ela não queria jogar terra só me jogava, aí quando tinha aquela “lumbrigonas”, eu não jogava e papai saía brigando. (Antonia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

As relações familiares estavam marcadas pelos papéis de gênero, Antônia de Sá recorda que os afazeres domésticos eram divididos entre os cinco irmãos. Os homens eram responsáveis por buscarem água nos riachos, enquanto as mulheres realizavam as tarefas domésticas e o trabalho no campo. Elas cuidavam da casa, das crianças e da roça. Maria Amélia Evangelista de Sousa, ao recordar os primeiros anos de sua vida no interior com seus pais, disse que sua família vivia da roça e da criação de gado. "Lá no interior, era da lavoura. Meu pai plantava

muito. Ele mexia muito com gado, com roça. A gente ia deixar comida na roça com a bacia na cabeça." Ela era a segunda filha entre os oito irmãos, a sua infância foi marcada por muito trabalho e responsabilidade, executando tarefas domésticas para auxiliar sua mãe na criação dos irmãos. Quando questionada sobre quais tarefas realizava, respondeu:

Na cozinha que eu sempre gostei de cozinhar, a outra minha irmã gostava mais de cuidar dos meninos, ajudar os irmãos sabe? Eu era carregando água, varrendo casa, as vezes lavando roupa, as vezes nem podia muito. Quando eu comecei, minha mão inchava, aí mas eu tudo eu fazia né, de comida. Eu comecei a fazer comida num fogão de lenha. Eu colocava uma cadeira pra mim botar a comida. Lembro da minha mãe com resguardo, e a Corina segurava a vasilha do arroz pra mim colocar na panela. Era desse jeito. Aí quando aprontava, eu botava na bacia e botava na cabeça e ia deixar na roça. (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

A infância e juventude da Maria Amélia foram permeadas pelo trabalho árduo e pelo cuidado dos irmãos. Desde cedo, sua infância foi marcada com uma série de afazeres domésticos, permitindo-lhe apenas alguns breves momentos de brincadeiras simples, enraizadas na cultura popular. Esses momentos lúdicos eram raros em sua rotina, uma vez que grande parte de seu tempo era dedicado às responsabilidades familiares.

Eu não me lembro de eu brincar, porque eu comecei (trabalhar) muito pequena, logo eu era a mais velha das mulheres. Logo minha mãe era assim, todo ano ela tinha um filho e lá em casa era muito movimento, muito trabalhador, tinha que fazer comida. Eu comecei a trabalhar muito novinha. A brincadeira que eu lembro que eu gostava muito era de pular corda e de brincar de esconde-esconde, aquela coisa, cedinho da noite, boca da noite, dia que tinha lua, a gente se juntava assim nos terreiros, era aqueles terreirões ali, a gente ia brincar. Mas outra, ela falando de umas pedrinhas que jogava, num sei como é, e eu digo: Pois essa aí eu num passei não. Num teve pra mim não (risos). (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

As recordações das mulheres bordadeiras quanto a divisão de tarefas e papéis desempenhados por elas, ressaltam, a estrutura social estabelecida pela colonialidade de gênero. Ela que demarca os espaços sociais a partir do sistema sexo/gênero, exigindo comportamentos, funções e tarefas a serem seguidas e executadas. Cabendo, a elas, neste sistema de dominação, uma relação de subordinação já que deveriam ser doces, puras e estar a serviço do homem. Mas, esse ideal esperado, nem sempre era/é concretizado.

A vida de Maria Amélia é marcada pela perda repentina de sua mãe, uma fatalidade que a levou a assumir a responsabilidade pelos seus irmãos. Essa trágica perda foi o motivo para a migração da família para a cidade. Seguindo uma trajetória semelhante, Maria Cristina Silva de Araújo, ao relembrar de sua infância no povoado Jiló, recorda os momentos marcantes que

viveu com seu pai, este que era lavrador e carpinteiro habilidoso. Quando perguntada sobre as lembranças que tinha da infância, ela respondeu:

Maravilhosas! Foi o tempo que eu fui muito feliz, muito feliz. Meu pai, eu muito pequena acho que com 6, 7 anos, meu pai ia pra roça e eu ajudava meu pai, e não era aquele trabalhar como se trabalha hoje na roça; mas eu ia para lá e papai ia pra roça trabalhar e eu não deixava a comida queimar né?! Eu ficava olhando a comida. Papai vinha e colocava tudo. E também eu ajudava o papai, porque naquela época por exemplo o algodão. Quando o papai ia plantar o milho e o algodão ele ia na máquina furando o espaço e botando o milho, o algodão, e eu ia tampando a cova atrás direto (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

A forma afetuosa com a qual Maria Cristina recorda as histórias de seus pais são cheias de amor, evidenciadas pelo tom de sua voz e pelo brilho de seus olhos. Ela fala sobre suas primeiras conquistas:

Então eu aprendi com meu pai, eu plantei algodão, eu colhi o algodão, transformei e com 12 anos eu fiz a minha primeira rede e vendi. A minha primeira rede eu troquei por 3 tecidos de chitinha para fazer 3 vestidos e foi o maior orgulho da minha vida. Eu com 12 anos, falei a mamãe, troquei esta rede, que eu plantei o algodão e manuseei e eu troquei por 3 tecidos e a mamãe fez 3 vestidos de chita, e foi o maior orgulho da minha vida (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Quando questionada sobre sua relação com os irmãos no interior, ela recorda com alegria as brincadeiras de infância.

Era muito legal né a gente brincava de cavalo de pau, não existia energia lá no interior tudo era na base da lamparina só tem uma coisa que eu não tenho muita saudade aliás 2 coisas: a noite, a luz de lamparina, a mamãe pegava descaroçador pra gente descaroçar o algodão, e eu ficava tentando, e quando eu fiava o algodão, eu cochilava por cima e enfiava o dedo no descaroçador e machucava meus dedos (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Maria Cristina expressa uma interação entre o brincar e o trabalhar durante sua infância no interior do sertão nordestino. As brincadeiras típicas das crianças da região misturavam-se com as responsabilidades do cotidiano. No entanto, sua vida sofreu uma grande reviravolta com o falecimento de seu pai. Sua mãe tomou a decisão de mudar para a cidade, buscando proporcionar-lhe uma melhor educação. "Eu perdi meu pai quando tinha 12 anos, ele faleceu em junho e, em janeiro do ano seguinte, vim para cá (São João dos Patos). Comecei meus estudos aqui aos 12 anos e meio. Desde então, moro aqui." Essa mudança para a cidade marcou o início de uma nova fase em sua vida, na qual ela teve a oportunidade de buscar uma educação formal e construir sua história em um novo local.

Os processos de adaptação foram o que marcaram a vida de dona Ceres Brito. Diante das circunstâncias profissionais de sua mãe, Antônia Pereira Galvão, que era professora, teve que migrar com seus cinco irmãos da cidade de Alto do Parnaíba – MA, para a cidade de São João dos Patos. Essa mudança ocasionou o abandono repentino de seu pai. Quando questionada sobre a profissão de seu pai, a senhora Ceres Brito respondeu:

Meu pai era tocador de sanfona; fazedor de festa tipo Manelim (in memoriam) mas aqui, ele não fez nada, daqui ele passava uns dias, e voltava. Passava outros dias e voltava. Até que um dia foi e não voltou mais. [...] Aí ele foi embora. Ele vinha aqui de seis em seis meses. De ano em ano. Depois ele foi e não voltou mais. Arrumou outra mulher pra lá (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

O abandono paterno fez com que sua mãe, Antônia Pereira Galvão, criasse seus seis filhos sozinha, trabalhando como professora e bordadeira. "[...] Minha mãe era bordadeira, foi bordadeira. Era professora, mas sabia bordar." Os desafios e dificuldades envolvidos em sua criação foram muitos. Quando questionada sobre os desafios enfrentados por sua mãe na criação deles, Ceres lembra:

Não foi muito fácil não, mas, naquele tempo as coisas eram difícil, mas era mais fácil. Todo mundo tinha... Se conformava com o que tinha; a vida era muito mais fácil. A gente não tinha muito brinquedo brincava no meio da rua: jogando bola, jogando "giribita", pulando corda... (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

As recordações sobre as dificuldades no qual atravessaram, levaram-na a relembrar a simplicidade de sua infância e das brincadeiras com os seus irmãos. Mudanças de localidades também marcaram a vida da senhora Rita Pereira, natural de Nova Iorque - MA, que residiu em diversos povoados localizados no interior do Maranhão, para só depois vir a residir na cidade de São João dos Patos. Ao recordar sobre a vida com seus pais, ela destaca a humildade de sua existência.

A minha vida foi bem difícil assim uma vida bem humilde. Meus pais eram vaqueiro trabalhava de vaqueiro ganhava era na sorte na época a gente tinha que trabalhar na roça e ajudar a criar os pequenos, quebrava coco depois a gente estudava uma semana, 2 semanas no mês o resto a gente ia trabalhar depois às vezes quando a gente já estava maiorzinha a gente passava 3 a 4 dias na roça ia para a escola para aprender os pontos da prova trazia para casa ia estudar para a prova no dia ia fazer a prova voltava para casa depois que chegava ia trabalhar para poder se manter, se sobreviver (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

A narrativa revela as dificuldades enfrentadas por Rita Pereira e sua família, bem como sua vontade de buscar uma vida melhor. O estudo era algo presente em sua vida e na vida de seus irmãos. No entanto, as oportunidades eram escassas e a necessidade de sobrevivência levou Rita Pereira a dedicar a maior parte do seu tempo ao trabalho, resultando em uma formação básica limitada ao ensino primário. Rita Pereira sonhava em se formar, mas, devido às circunstâncias sociais e econômicas, esse sonho foi substituído pelo desejo de se casar, visto por ela como uma possibilidade de mudar de vida. Segundo ela:

Aí eu também pensei já tô com 22 anos então eu vou casar essa vida minha tá muito pesada vai que eu arrumo um marido um casamento. Ele (esposo) era um homem muito trabalhador tinha uma casinha para nós morar, eu digo às vezes melhora a minha vida, aí fomos larguei e fui me casar (PEREIRA, Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

O casamento era algo almejado pelas moças dos anos 1970, e a preparação do enxoval era parte do rito do casamento. Rita Pereira recorda que, quando foi se casar com o senhor Agripino, preparou seu próprio enxoval.

Na época era guarnição que chamava (enxoval) né. 3 guarnições ó eu levei 3 guarnições da cama era: a coxa um lençol. Aí na bileirinha era: 5 guardanapos, 3 da bileiras e 2 para cobrir o pote e uma toalha de mesa. Essas que eram as guarnições de cada um eu levei essa quantia. Levei uma estampadinha levei uma verdizinho bordada de marrom e levei outra vermelha. Eu que bordei (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Casamento constituído, não demorou muito para que os filhos viessem, e as responsabilidades se intensificassem. Ao recordar sobre a rotina de trabalho que permeava o cotidiano de sua família e ao questioná-la sobre o tempo dedicado aos bordados, ela respondeu:

[...] Chegou uma carta lá em casa me convidando para assumir uma sala de aula como professora, aí assim eu fiz, assumir sala de aula com um menino no bucho o terceiro. O primeiro o segundo no braço (filhos) [...]. Aí eu disse eu vou me casar que eu vou ter uma vida mais fácil, que nada piorou a situação piorou a situação aí ele na roça cheio de trabalhador. (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022)

O sonho de uma vida mais tranquila deu lugar a uma rotina mais intensa de trabalho, revelando assim a multiplicidade de tarefas desempenhadas pela Rita Pereira, à mesma se desdobrava entre os trabalhos de ser mãe, professora, dona de casa, quebradeira de coco e artesã, enquanto seu esposo se dedicava ao trabalho no campo.

[...] Aí eu ia deixar comida na roça cansada, dava uma voltinha passava na casa da minha mãe, deitava um pouquinho, chegava voltava para casa quando eu chegava em

casa eu ia almoçar aí eu ia arrumar a cozinha todinha aí quando eu arrumava a cozinha todinha aí lá fora no quintal já tinha um montinho de coco para quebrar. [...] Depois aí quando era 5 horas, quando eu terminava de quebrar os cocos, terminava de ajeitar a janta estava pegando as crianças, aí jantava e arrumava a cozinha, aí eu ia me sentar no projeto (crochê) até uma hora da manhã, meu dia quando não era o crochê, era a papelada dos alunos[...] (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Nota-se então o peso das obrigações sobre Rita Pereira e seu esposo. Todavia, esse aspecto reflete a realidade de inúmeras famílias brasileiras, a qual mulheres desempenham múltiplas tarefas. Tal característica revela as demarcações de espaços e funções sociais em que os gêneros deveriam ocupar, no qual os trabalhos de agulha se tornam uma característica da extensão do trabalho doméstico. Maria Matos e Andreia Borelli (2013), destacam, que os trabalhos de agulha são atividades econômicas tipicamente femininas desenvolvidos nos redutos familiares. Tais atividades permitem a conciliação dos afazeres domésticos com a maternidade, dando as mulheres a possibilidade de obtenção de algum ganho financeiro. Ainda sobre essa atividade, Maria Matos e Andreia Borelli (2013), enfatizam que:

A qualificação da mão de obra era feita através do processo de socialização e da educação, ou seja, as mulheres utilizavam no trabalho habilidades apreendidas com outras mulheres ao longo de suas vidas. Destreza, rapidez, repetição e precisão eram elementos importantes para a execução de bordados e rendas, costura, tricô, crochê, manufatura de flores, ornamentos e chapéus, elaboração de enxovais de cama e mesa, lingerie, chinelos e para a "costura de carregação" de produtos, como os sacos de juta para o café e os uniformes fabris. Muitas dessas ocupações eram passadas de geração em geração (MATOS e BORELLI, 2013, p.130).

Quanto às mulheres bordadeiras patoenses, estas são conhecidas pela destreza de seus trabalhos com agulhas, habilidades que lhes permitem desenvolver diversos trabalhos manuais, como ponto cruz, crochê, bordado de máquina e tecelagem. Essas práticas são tradicionalmente transmitidas no âmbito doméstico e repassadas de geração em geração por meio do conhecimento transmitido pela oralidade. Mães, tias e avós desempenham um papel fundamental nesse processo, ensinando seus filhos, netos e sobrinhos por meio da observação e da transmissão oral de saberes, estabelecendo uma conexão entre a oralidade e a prática dessas habilidades para as gerações futuras.

A observação e a curiosidade são partes essenciais do processo de aprendizagem do artesanato. Maria Amélia Evangelista destaca que sua curiosidade lhe proporcionou a obtenção do conhecimento acerca da produção de redes, que está marcada pelo processo de fiação do algodão.

Eu aprendi assim vendo os outros eu era muito curiosa comecei assim lá na Malhada da Areia o fiava. O algodão na roda, que a gente fiava assim, tecia rede, tecia lençol. Pois é, eu fiava lá. Fazia. Mandava. A minha vó tecia, aí ela tecia as redes. A gente mandava tecer. (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

Pode-se notar que o processo de aquisição desse saber por parte da senhora Maria Evangelista se deu pela transmissão dos saberes passado de avó para neta. Dentro dessa perspectiva, pode-se notar uma similaridade no processo de aprendizado da Maria Cristina da Silva, que destaca que todo o seu conhecimento adquirido veio dos ensinamentos de sua mãe.

(Minha mãe) Também artesã; desde que eu me entendi na vida; ela já trabalhava fazendo rede fiando na roda e também a mamãe bordava na máquina. Hoje já não borda mais, porque está bem cansada, mas, sabe fazer muito bem e eu aprendi com ela porque ela me ensinou desde cedo a trabalhar (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Ao lançar seu olhar sobre as novas peças a serem produzidas, ela redireciona sua atenção para o processo de aprendizado, desafiando-se a conhecer e aprender novos tipos de bordados. Quando perguntada sobre como aprendeu a bordar, Rita Carvalho Pereira enfatizou que sua curiosidade a levou a desmanchar um bordado já feito para entender como se dava o seu processo de feitura.

Eu mesma o primeiro ponto de bordar só curiosidade eu sempre tive curiosidade de aprender as coisas. Lembro, lembro tudinho lembra tudinho que eu aprendi eu tinha muita vontade de aprender esse ponto lá desse bordado. Carçoço eu sabia fazer todos eles. Eu fazia carçoço de arroz, rococó, ponto atrás ou era o mesmo pontinho que fazia, como é que se diz, o aplicação e cordão de ouro de uma peça para outra de uma pétala de um ramo para outro cordão de ouro então eu fiquei muito curiosa que eu não sabia como é que eu ia fazer ele eu olhava e olhava de todo jeito eu não sabia fazer ele então eu peguei eu me desmanchei e fui puxando por onde de onde é que ele vinha (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

É perceptível que a curiosidade e a rede de informações entre as mulheres impulsionam sua inserção no universo dos bordados. Aquelas que não possuíam familiares com tais habilidades recorriam às vizinhas para aprender novas atividades artesanais relacionadas aos bordados, conforme destaca a senhora Rita Pereira.

Eu tinha a maior vontade de aprender crochê eu não tinha uma agulha, na época eu tinha uns 13 anos que eu aprendi a fazer o crochê. Aí a minha vizinha fazendo crochê eu achava bonita tinha maior vontade porque eu tinha um sonho de possuir as coisas eu de querer as coisas eu vivia naquela vida tão sofrida [...] aí ela (vizinha): está bom eu vou te ensinar a fazer crochê. Aí ela veio e ela fazendo ali eu olhando aí eu não tinha agulha, aí meu pai fez foi pegou um pedacinho de aroeira fez bem-feitinho uma agulha de pau de Aroeira um pedacinho de Aroeira aí pegou e fez uma agulha que eu

mandei brasa com essa agulha e aprendi a fazer crochê com essa agulha e olhando ela dizendo fazia, desmancha o teu aí por onde vai, aí ela fazia e eu aqui fazendo até que aprendi (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Todavia, cabe destacar que, além dessas formas de disseminação do conhecimento do bordado, as escolas da cidade de São João dos Patos promoviam, entre os anos de 1960 a 1980, por meio das aulas de arte, o ensinamento sobre bordados com aulas práticas voltadas para o público feminino. De acordo com Antônia de Sá Correia:

Aí lá (Malhada da Areia) tinha os professores, me lembro a data da semana, que era um dia de quinta-feira, era o dia de bordar e o dia de religião, da aula de religião. Toda quinta-feira. A gente bordava um pouco, aprendendo né?! Aí depois tinha a aula de religião (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

Corroborando com esse pensamento, Ceres Maria Galvão destaca que aprendeu a bordar observando sua mãe, mas, também se recorda que durante as aulas de arte, a professora ensinava bordados.

Na escola a gente aprendia pontinho, ponto atrás, ponto paris na mão. A minha mãe sabia e me ensinou. Minha mãe era bordadeira, foi bordadeira. Era professora, mas sabia bordar. [...] Tinha uma professora de artes que às vezes me ensinava. Eu não me lembro se a dona Carmelita foi professora de artes, eu não me lembro mais. Na primeira série do ginásio tinha artes eu aprendi: tinha artes, só que eu já sabia mais ou menos (bordar) (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

Ceres Galvão destaca que as aulas de bordado eram direcionadas para as mulheres, enquanto os homens desenvolviam outras atividades condizentes com seu gênero. "Os meninos faziam outras coisas: tinham coisas para meninos e coisas para meninas." Além da aprendizagem na escola, a cidade também oferecia cursos técnicos que tinham como objetivo proporcionar às mulheres a oportunidade de alcançar independência financeira, ao mesmo tempo em que auxiliavam no sustento do lar e nos cuidados com os filhos. Segundo relato da Sra. Antônia, o curso realizado na LBA⁸ permitiu que ela aprimorasse suas habilidades, abrindo caminho para a comercialização das peças que ela mesma produzia.

Lá no interior eu aprendi bordar na mão no colégio, aí depois, quando eu me casei, eu cheguei aqui em São João dos Patos, aí eu aprendi com a minha sogra a fazer crochê,

⁸ No Brasil, em 1942, Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, fundou a LBA – Legião Brasileira de Assistência, um órgão ligado ao Ministério da Previdência e Assistência Social, cuja presidência ficaria a cargo da primeira-dama. Assim ocorreu sucessivamente até 1995, quando Ruth Cardoso extinguiu a LBA por suspeitas de fraude durante o governo Collor, no primeiro dia de mandato de seu marido, o então presidente eleito Fernando Henrique Cardoso.

aí depois eu fui pra LBA (Legião Brasileira de Assistência) que teve aqui o crochê da LBA, num sabe? A gente tinha só o diploma. O cupim comeu o meu. Eu acho que nem existe mais isso (LBA), aí eu aprendi lá fazer, a bordar. Ou eu tô enganada?! Não! Foi na LBA mesmo! Aí eu aprendi a bordar e depois, é, eu aprendi a costurar também, mas, costurar eu não costuro não, eu acho ruim, aí eu continuei bordando, aí eu parei porque eu tinha medo de fazer e o povo não gostar. Aí um dia uma amiga disse assim: Por que tu não borda pra tu ganhar o teu dinheiro? Cuida no teu serviço! Aí eu fui e fiz um caminho de mesa, na hora que a pessoa viu, comprou, aí dali eu comecei a começar a bordar. (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

As memórias da dona Antônia de Sá associadas ao curso são marcadas por uma profunda gratidão, conforme evidenciado por um pano de amostra dos primeiros bordados realizados no LBA, apresentado como um testemunho do impacto do curso. A empolgação transparecia ao detalhar cada um dos pontos aprendidos e hoje aperfeiçoados pela prática e dedicação ao bordado de máquinas.

Figura 1 Mulher bordadeira



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Dentre as técnicas de pontos de bordado de máquina aprendidas por Antônia de Sá, pode-se mencionar o Richelieu, matriz, cheio, matiz, bainha aberta, ponto atrás, cheio com aplicação e crivo.

Figura 2 Modelos de bordados



Fonte: Arquivo fotográfico da autora da pesquisa (2022).

Além da LBA, na cidade existiam escolas particulares de bordados, conduzidas por senhoras de famílias distintas, que ofereciam cursos a jovens aprendizes. Ceres Galvão frequentou o curso da Senhora Tena, uma mulher que lhe ensinou pontos específicos do bordado de máquina, como o crivo e o Richelieu.

E aí fui aprendendo e depois que eu entrei na escola da dona Tena, que era ali onde era mãe da Maria diz não sei se já lhe disseram isso falaram dela. A mãe da Edite, Socorrinha, e do Mirócles. Ela ensinava a bordar. Ela tinha um salão que tinha as máquinas. A gente levava as máquinas, quem tinha as máquinas. Às vezes ela tinha uma, duas máquinas dela, que gente que não tinha máquina ia pra lá. Era ali onde era A Credinorte, bem ali, naquela esquina tinha um salão grande e tinha as máquinas e ela ensinava (Ceres Maria Galvão Brito, 13 de out de 2022).

Segundo Ceres Galvão (2022), a “A Dona Tena tinha as caixas de desenho, a gente tirava os desenhos. Hoje não! a gente entra no site que tem bordado amplia um risco, tira uma parte, bota outra e vai reformando”. Os desenhos são elementos primordiais dos bordados de máquina, este devem ser traçados com lápis e carbono sobre o tecido de linho, para que só assim depois presos sobre um bastidor possa ser bordado pela máquina.

A senhora Antônia de Sá destaca suas habilidades em desenho, afirmando: "Eu também desenho, faço desenhos para toalhas, caminhos de mesa; tenho vários modelos de desenhos." Em sua explicação, ela detalha o processo que precede o bordado feito à máquina, uma atividade que requer habilidade e criatividade por parte da artesã. A primeira etapa desse processo é a seleção do desenho, que pode ser uma criação própria da bordadeira ou uma reprodução de outros bordados. Geralmente, os desenhos apresentam formas arabescas e flores.

Escolhido o modelo do desenho, a segunda etapa a ser realizada é a transferência do risco do papel para o tecido, que se dá com ajuda de um lápis e carbono, sendo este opcional. Segunda Antônia de Sá, essa transferência pode ser realizada com a fixação do desenho sobre o tecido com ajuda de alfinetes, ambos bem presos, a bordadeira passa a contornar o desenho com lápis repetidas vezes até que a imagem fique bem nítida no tecido, e em seguida a mesma passa a cobrir com lápis a imagem transferida para o tecido.

Uma vez traçado o desenho no tecido, este será fixado em um bastidor. Em seguida, será bordado utilizando uma variedade de pontos de bordado à máquina, como os que já foram apresentados anteriormente.

Figura 3 Bordado a máquina



Fonte: Arquivo fotográfico autora da pesquisa (2022).

As habilidades das mulheres bordadeiras são resultados de anos de prática e dedicação a um saber-fazer que deu nome à cidade de “capital dos bordados”, transformando a atividade numa das principais fontes de renda das famílias pobres da cidade. A importância dos bordados no orçamento familiar é ressaltada pelas mulheres. Antônia de Sá ao recordar que após a realização do seu casamento aos 18 anos com João Batista de Sousa Correia, não demorou muito para que constituíssem uma família com três filhos, sendo um homem e duas mulheres. E diante do orçamento financeiro curto do seu esposo que era carpinteiro, Antônia de Sá, ajudava nas despesas familiares com a produção de bordados. Quando perguntada se o bordado ajudou nas despesas da família ela responde:

Ajudou! Ganhava o meu dinheirinho; meu esposo trabalhava de serraria e eu fazia os crochezinho e comprava as coisinhas pra eles (filhos). Comprei muitas coisinhas para os filhos. Era. Era uma renda. E naquele tempo a gente ganhava dinheiro mais um pouco, hoje, hoje está difícil. (Antônia de Sá Correia, 10 de set. de 2022).

Antônia de Sá, expressa orgulho em ter uma renda que lhe permitiu adquirir itens pessoais para seus filhos. No entanto, ela destaca que a venda de bordados se tornou desafiadora nos últimos anos. O autossustento também é o que motiva mulheres solteiras a trabalhar com o bordado, as quais, ao trabalharem, não medem esforços para contribuir com suas famílias.

A senhora Ceres Galvão, mulher solteira e que se dedicou por muitos anos aos cuidados com a saúde de sua mãe, fala com orgulho de poder trabalhar com os bordados e pagar suas despesas com seu próprio trabalho: "Vendi, eu tinha que vender, porque eu tinha que ter meu dinheiro para pagar as coisas, pagar as contas, porque senão...". Questionada se o bordado representou uma fonte de renda em sua vida, ela respondeu: "Representou, paguei minha previdência com bordados, 18 anos de previdência, e sou aposentada hoje com o pagamento do bordado, com bordado".

Maria Amélia também optou por ser solteira e quando questionada sobre o motivo de não querer se casar, Maria Amélia revelou o drama familiar que viveu quando jovem. Ela vivia sob a tutela de seu pai, um homem viúvo que, diante dos aspectos sociais e culturais locais, possuía uma vida marcada pelo vício em jogos de azar e promiscuidade. Segundo ela, o seu pai mantinha relacionamentos afetivos com diversas mulheres, chegando a gastar tudo que tinha com mulheres da vida, deixando a família sempre em segundo plano e à mercê de privações financeiras.

Não. Porque esse negócio do meu pai eu acho que me deixou muito frustrada com esse negócio de casamento sabe aí quando minhas irmãs começaram a casar que eu comecei a ver eu fiquei mais assim e até o momento eu não me arrependo um segundo, que eu não procurei me interessar por um casamento. Aí eu fiquei com trauma assim, não sei por que, meu pai tinha vez que ele obrigava a gente. Eu comecei a trabalhar ainda dentro de casa, junto com eles não sabe, mas aí ficou um clima tão terrível, aí aconteceu esse suicídio dessa minha irmã, aí eu me acabei, e foi mesmo assim que me acabar sabe?! Aí um dia o Jocilé me chamou e disse: A gente vai procurar uma solução pra gente sair de lá, porque senão tu vai se acabar, e tu não vai conseguir nada. Porque tudo que eu fazia, todo dinheiro que eu pegava eu entregava pra ele (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

O trauma deixado pelo pai de Maria Amélia resultou em uma resistência dela em relação ao casamento, que passou a ser associado à opressão e dominação sobre as mulheres. Ao perguntar se seu pai pedia o dinheiro dos seus bordados, ela respondeu enfaticamente: "ele não

pedia, ele ordenava". O tom de voz dela nesse momento demonstrou incisividade, revelando a forma rude como seu pai a tratava.

Além disso, ela era obrigada a tirar dinheiro no comércio local sobre forma de empréstimos para dar ao seu pai, alimentando assim o seu vício. "Às vezes, eu precisava pegar coisas no comércio fiado para dar a ele, para que ele gastasse com mulheres e jogos. Ele não bebia nem fumava, meu pai; mas esse vício por mulheres, eu vou lhe dizer." Diante da vida sofrida, Maria Amélia juntamente com os seus irmãos decidiram alugar uma casa para viver fora dos domínios do pai:

Assim é porque meu pai era muito ignorante não sabe, aí o menino queria trabalhar para até as coisas dele não sabe, aí meu pai queria botar ele era pra matar porco carregar pro mercado não sei o que, aí eu digo: Eu vou sair. Aí quando eu saí de casa. Ave maria, ele quase endoia, meu pai; foi um escândalo que foi assim uma coisa não sabe, que eu fui tirando as coisas de pouco, botando na casa aqui do meu irmão. Aí quando ele soube, isso foi um auê, que Ave Maria, foi só a confusão grande. Aí o neto começou a trabalhar com o nativo aí depois ele começou a trabalhar com esse cunhado que hoje é separado que trabalhava no garimpo aí ele passou um tempo lá pra esse garimpo, ia e vinha. Aí quando nós mudamos, eu ainda morei um ano e 2 meses de aluguel e comprei essa casa aqui do seu Eurico. Era uma casa toda de adobo, mas hoje não tem mais nada do que ela era. Aí trabalhando graças a Deus foi um período muito bom (Maria Amélia Evangelista de Sousa, 13 de out de 2022).

A reação do seu pai não foi das melhores, mas essa atitude foi a forma encontrada pelos jovens irmãos para ter uma vida mais tranquila. Tendo o bordado como uma das principais fontes de renda da família, essa atividade foi responsável pela aquisição da casa da Maria Amélia. Quando questionada se o bordado foi uma fonte de renda para sua família, ela respondeu: "Foi. Porque eu fazia de tudo, da rede, de tudo eu fazia. Aí hoje tá pouco, logo eu tô até com umas redes aí, ta aí, mas num ta aparecendo (comprador)". As falas de Maria Amélia evidenciam a importância do bordado em sua vida, porém ela destaca o declínio das vendas dos bordados nos últimos anos.

Faz-se necessário, refletir sobre as diversas formas de violência e opressão vividas pelas mulheres bordadeiras. Entretanto, apesar desse sistema opressor passamos a perceber na cidade de São João dos Patos, um movimento de mulheres com pensamento insurgente. Ao se imporem e resistirem às determinações instituídas pelos papéis associados ao sexo/gênero, elas passaram a buscar no bordado uma certa autonomia e independência financeira para suas vidas e, conseqüentemente, para suas famílias.

Rita Pereira embora tivesse um relacionamento respeitoso e afetuoso com seu esposo, segundo a entrevistada ele não permitia que ela saísse para vendê-los.

É porque ele (marido) tinha aquela eu acho que era um tipo de ciúme as pessoas dizem assim mulher que vende bordado fora que não é com solteira, mete chifre no marido aí eu digo não, mas isso não acontece fie. De tudo a sobrinha dele fazia de tudo deixa eu tio Agripino ela ir comigo ela vendo as bordado, não, mas para as pessoas ele não dizia assim dizia para mim eu achava que isso era um pouco de ciúme só que quando ele adoeceu aí ele deixou, ele disse é agora tu vai com teu bordado porque só com salário nova nessa idade está muito difícil, aí assim eu fiz aí eu peguei uma boa parte do Maranhão (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Percebe-se, através das palavras da senhora Rita de Carvalho, o posicionamento machista e conservador de seu esposo, que a via como uma posse, impedindo-a de viajar para comercializar seus bordados. Apesar de seu principal objetivo ser contribuir com a renda familiar, a simples ideia de viajar era vista pelo esposo como um ato que mancharia sua imagem e reputação. Diante dessa adversidade, Rita viu-se compelida a buscar alternativas, resultando na entrega de sua produção a intermediários, incumbidos da comercialização de suas peças.

As reflexões suscitadas em torno da relação entre a senhora Rita Carvalho e seu esposo destacam de forma clara os reflexos da colonialidade do poder no controle sobre os corpos e os recursos produzidos pelas mulheres. Esses elementos se entrelaçam nas dinâmicas das relações familiares patriarcais. Mas, apesar das restrições impostas, Rita Carvalho continuou sua produção e venda de bordados. Contudo, o suporte esperado do marido só se concretizou quando este enfrentou um período de adoecimento. Nesse contexto, a dinâmica se inverteu, e ele passou a apoiar ativamente sua esposa na venda e comercialização dos bordados, inclusive expandindo para outras cidades. Essa mudança evidência como as circunstâncias adversas podem transformar percepções e comportamentos, abrindo caminho para uma colaboração mais significativa na dinâmica conjugal.

O trabalho feito por Rita contribuía com as despesas domésticas, juntamente com o seu esposo que era lavrador e açougueiro, e que em momentos de folga realizava as entregas dos bordados, recebendo o dinheiro conquistado e em seguida repassando os proventos a ela. Rita Pereira, ainda destaca que após a morte do seu marido a principal renda da sua família foi o bordado.

Aí o que é que acontece meus filhos tudo para baixo (depois da morte do pai) sem ter mais como. Aí então eu sustentei todos eles com os meus bordados. Depois que meu marido morreu, e que eu saí da depressão, a fonte de renda da minha família foi o bordado (Rita Carvalho Pereira, 16 de set de 2022).

Rita Pereira, após a morte do marido, enfrentou a depressão, mas encontrou no bordado uma forma de resistência e um meio de sustentar sua prole. Da mesma forma, Maria Cristina, uma mulher que é professora, bordadeira e mãe solteira de dois filhos, criou seus filhos trabalhando como docente e bordadeira. Em uma sociedade machista e patriarcal, ela enfrentou de ‘cabeça erguida’ duas gestações sem a presença dos pais dos seus filhos, e não se deixou intimidar pelas críticas, ela enfatiza que:

Olha assim na época que eu tive meus filhos não que eu não me aceitasse certo?! Mas, graças a Deus eu nunca dei oportunidade mesmo grávida desde sem ter me casado eu nunca dei oportunidade para as pessoas me jogarem uma piada, até hoje graças a Deus. Por que eu tive meus filhos, mas eu sempre me respeitei certo?! Sempre me respeitei então foi difícil na sociedade que eu sou independente porque eu não dependo de ninguém entendeu? Criei meus filhos sozinha e não devia satisfação para a sociedade então eu encarei isso de cabeça erguida de verdade eu nunca aceitei piadinha nem dei oportunidade (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Maria Cristina, conta que uma senhora a tentou constranger em ambiente público, ela recorda com risos como reagiu.

Eu tive um momento uma vez mesmo que eu acho até incrível e ainda hoje eu falo disso. Num teve uma época do banco do estado? Eu tava grávida com sete meses, e estava na fila do banco muito lotado, quando uma pessoa chegou e botou as duas mãos nas cadeiras olhou pra trás e gritou bem alto: Oh mulher, tu tá grávida? E eu disse: Tô. Quem é o pai? É teu marido, tu num sabia não?! Ai, ao invés de ela me fazer vergonha, eu que fiz vergonha pra ela (risos) (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

Maria Cristina, demonstra sua garra e a forma como enfrentava a sociedade. Quando questionada se os bordados era uma fonte de renda para sua família, ela respondeu:

Sim, tudo que eu sou hoje eu agradeço ao artesanato. Era (renda), enquanto criança e enquanto adolescente era minha única fonte de renda. A minha família vivia do artesanato. E eu vivi do artesanato certo! Para mim estudar eu tecia rede, eu fazia crochê, eu vendia e trabalhava para os outros. Aquela Zefa do Dedé, que tinha o restaurante, toda semana quando eu cheguei em São João dos Patos, eu bordava uma toalha para ela. Toda semana. E eu bordava muito para os outros fazendo o meu trabalho muito bem-feito (Maria Cristina Silva de Araújo, 13 de set de 2022).

As mulheres entrevistadas revelam múltiplas realidades que, embora distintas, estão interligadas pela produção de bordados. Elas resistem à opressão masculina da sociedade patriarcal, lutando diariamente para manter seus lares e sobreviver. Suas narrativas, portanto, desvendam como cada uma delas enfrentou e lidou com seu passado.

De toda forma, as marcas e dores estão presentes em razão da dominação colonial, da qual a colonialidade do gênero é constitutiva. No entanto, elas deram testemunhos inspiradores

de como enfrentaram a colonialidade do gênero, encontrando uma maneira de reconstruir suas vidas e superar os obstáculos através da arte dos bordados, com suas mãos habilidosas, enquanto transformavam os tecidos e as linhas em obras de arte, teceram seus destinos.

Finalizando....

Ao concluir este texto, é possível constatar que há muito a ser pensado e problematizado sobre a temática feminina, sua arte e ofício, articulada com o ensino de História. Em virtude de uma perspectiva eurocêntrica de ensino, os currículos de História, durante muito tempo, reforçaram e supervalorizaram os grandes feitos e conquistas do homem branco colonizador. Os (as) professores-pesquisadores começam a perceber o quanto o sistema moderno colonial tem conexão profunda com os papéis de gênero, com a ideologia racista, com a heterossexualidade e a exploração capitalista e quanto esse currículo não dá conta da experiência vivida pelas mulheres da região.

É importante apontar que a atividade exercida pelas mulheres, na arte do bordado, não pode ser vista apenas dentro da lógica da sobrevivência, mas das estratégias de resistência a colonialidade do gênero. Arte e ofício transmitido de geração em geração pelas matriarcas das famílias, pelas instituições de ensino, pelas comadres, etc. Geralmente, ela é adquirida durante a transição da infância para a adolescência, quando muitas jovens, devido às necessidades financeiras de suas famílias, passaram a contribuir com a renda familiar a partir da produção de bordados.

Ao reconhecer as contribuições das mulheres bordadeiras, não apenas como artesãs, mas como agentes ativos na construção da identidade cultural e histórica da comunidade patoense, lançamos um apelo por um compromisso ético e político pela decolonização das relações de gênero. Trata-se de um convite à reflexão, à constante reavaliação e à promoção de narrativas inclusivas, onde cada fio da história seja entrelaçado com a riqueza das experiências humanas, especialmente, das mulheres.

Ao longo da análise, tornaram-se evidentes as possibilidades de direcionar novos olhares sobre o processo histórico da formação identitária local, culminando no reconhecimento da tradição dos bordados, marcadamente feminina. Ademais, possibilitou a compreensão de que a história local não é construída apenas pela ação das grandes figuras políticas, mas principalmente pelas pessoas comuns que tecem seus sonhos e suas vidas, como a das mulheres bordadeiras.

Fontes Primárias

Todas foram entrevistadas por Tainah Myrene de Lima Oliveira, na cidade de São João dos Patos-MA, entre agosto e outubro de 2022.

Entrevistada: Antônia de Sá Correia

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 10/09/2022 às 16:00 horas

CORREIA, Antônia de Sá. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 10 de set. 2022.

Entrevistada: Maria Cristina Silva de Araújo

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 13/09/2022 às 18:00 horas

ARAÚJO, Maria Cristina Silva de. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 13 de ago.2022.

Entrevistada: Rita Carvalho Pereira

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 16/09/2022 às 16:00 horas

PEREIRA, Rita Carvalho. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 16 de set.2022.

Entrevistada: Maria Amélia Evangelista de Sousa

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data: 13/10/2022 às 9:00 horas

SOUZA, Maria Amélia Evangelista de. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 13 de out. 2022.

Entrevistada: Ceres Maria Galvão Brito

Local: São João dos Patos - MA

Entrevistadora: Tainah Myrene de Lima Oliveira

Data :13/10/2022 às 16:00 horas

BRITO, Ceres Maria Galvão. Roteiro de entrevista, [Entrevista cedida] Tainah Myrene de Lima Oliveira. **Ensino de História entre agulhas e linhas: As narrativas de mulheres bordadeiras de São João dos Patos – MA (2022-2024)**, São João dos Patos – MA, 13 de out.2022.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro:FGV, 2006.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CAIXETA, Vera Lúcia; DA SILVA PEDROSA, Cleudineia Elias. As “mulheres de barro” de Parauapebas-PA: biografia e epistemologia feminista. **ALTUS CIÊNCIA**, v. 14, n. 14, p. 373-387, 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, Set/dez, 2014.

MATOS, Maria Izilda. BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado feminino. In: PINSKY, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013, p.126 – 147.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, nº 94, jun, 2017, p. 01-17.

_____. Desobediência epistêmica: opção decolonial e o significado de identidade em política. **Caderno de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, Língua e identidade, n.34, 2008, p.287-324.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. IN: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 217-235.

SEGADILHA, Daniele B.; NASCIMENTO, Sandra Maria S. **Memórias Feitas à Mão: Mulheres que bordam em São João Dos Patos-Maranhão**. Encontro da Associação Brasileira de História Oral, v. 12. 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A Virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas: Ed Unicamp, 2021.